

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

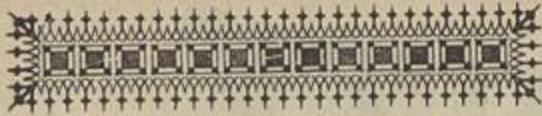
Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	27.º Anno — XXVII Volume — N.º 910	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	10 DE ABRIL DE 1904	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



D. JOÃO DA CAMARA

AUCTOR DO DRAMA «AMOR DE PERDIÇÃO»

(Photographia do sr. Guedes)



## CHRONICA OCCIDENTAL

Acabaram-se as férias da Paschoa. Com mais uns grãos de calor, voltaram os rapazes para os livros, para as sebatas, para as formulas de mathematica e para as subtilidades do direito, emquanto a primavera canta, com todas as suas vozes, a opulencia dos crepusculos, a meiguice das noites.

E' talvez este nome de *férias*, sempre junto aos de *Natal* e *Paschoa*, que me faz amar ainda mais estas duas formosissimas festas da christandade. Não ha alegria explodindo como aquella em que entram rapazes; a mocidade é a manhã da vida, com toda a luz, com todos os canticos das manhãs.

Este anno, maior foi a alegria das férias, porque os rapazes de Coimbra vieram a Lisboa, ao theatro de S. Carlos, dar a peça do José Bruno, e muitos d'elles por ali ficaram, entre outros o Pad' Zé, o mais levado do diabo, o que maior fama tem de alegria bohemica entre os seus companheiros de universidade.

Foram-se as férias. Agora o verão é connosco, até, este anno, um pouco mais cedo do que o costume. Ha já muitos dias que o céu se nos mostra immaculadamente azul e que o sol deita sobre as aguas do Tejo as suas redes de prata. Já os poentes se coram de vermelho e as arvores deram pressa á creação do abrigo das folhas. Abril, que tão cantado fóra pelos poetas de outros tempos, costumára-se ultimamente as carantonhas do inverno; a tempo se arrependeu de ser uma mentirosissima figura de rethorica. No anno da graça de mil novecentos e quatro houve por bem voltar á antiga, mimoseando-nos com sua bonita luz e suavissimo calor.

Mas ha sempre descontentes; ha quem veja, por por máo costume, tudo em negro, até o esplendido meio dia, que põe todas as cigarras de Portugal a cantar nas olaias em flor. Os homens torcem o nariz, fedem-lhe as rosas e as violetas: — Nunca fiando, dizem elles, ha de voltar o inverno e então é que vai ser bonito: gripes e mais gripes.

E não ha quem os faça ir buscar ás gavetas as alpacas e os palhinhas do anno passado. Tudo n'elles é prudencia e, á noite, levantam as golas dos casacos, á sahida do Colyseu.

Os theatros continuam por ora annunciando beneficios e peças novas; mas o Colyseu é que tem a especialidade das grandes enchentes. Sabbado de alleluia inaugurou suas recitas novas com a *Aida* e tem vindo entreteendo com as grandes operas as operas comicas. Assim continuará, e com a sorte com que o commendador Santos Junior nasceu e que, aliás, muita vez merece. Com a opera barata alguma coisa, senão na melhor escola, se vai educando em musica o nosso povo. Já é o bastante para que não devamos regatear o applauso a quem, por sua iniciativa e conhecimento do assumpto, soube sahir-se victorioso do empreendimento.

Duas recitas se annunciavam ainda que devem chamar o publico, devendo ambas realizar-se no theatro de S. Carlos, uma em beneficio do Valle, gargalhada decerto de principio ao fim, a outra, promovida por artistas e homens de letras em beneficio da familia do Celso Herminio, que tão novo foi arrancado pela crueldade da morte ao carinho dos seus, e á companhia dos amigos.

Narecital do Valle vai pela primeira vez ser representada uma força de Marcellino Mesquita, o *Mestre regio*; na do Celso Herminio os principaes caricaturistas de Lisboa apresentarão algumas das suas melhores caricaturas, executando as á vista do publico. No resto do programma numeros haverá que decerto hão de despertar muitissimo a curiosidade. Os risos poderão enxugar muitissimas lagrimas.

Assim terminará a epoca, ainda memoravel no seu final pelo reaparecimento de Palmyra Bastos no genero dramatico, representando no theatro de D. Maria *Os filhos alheios* de Brioux. Uma ovação, é claro.

Muito applaudido tambem Augusto de Lacerda na sua bella peça *Terra Mater*.

D'aqui a pouco, principia a grande abalada, e quem tenha os gostos devotos de S. Paulo, primeiro eremita, escusa de sahir de Lisboa para se entregar a suas mysticas contemplanções.

Sua Magestade a Rainha, Sr.<sup>a</sup> D. Amelia, deu o primeiro exemplo partindo para Sevilha a visitar sua mãe. Dentro em pouco o exodo começa, e grandes normandos em todos os jornaes annunciarão a abertura dos hotéis por todas essas terras balneares onde rheumaticos, gottosos, bronchiticos e herpeticos, vão, para completar a cura, dar á perna nos collons. As sombras de Cintra vão-se alargando para melhor acolher os seus admiradores e por todo o

paiz ulmeiros e alamos, tilias e cedros tratam de lhes seguir o exemplo.

A Rainha, Sr.<sup>a</sup> D. Amelia, escolhendo este momento para seguir até Hespanha, veiu, até certo ponto, desmentir boatos que por ali andavam correndo, como nuvens puxadas pelo vento sul, escurecendo o sol, fazendo baixar a columna dos barometros, assustando os timoratos que já invocavam Santa Barbara e S. Jeronymo.

Os nossos visinhos hespanhoes, segundo se dizia, mostravam más tenções, e ainda d'outras más tenções se falava.

A primavera voltou a allumiar a politica externa e, enquanto os ulmeiros dos nossos jardins vão deixando cair as flóritas de verde muito claro, que esvoaçam pelo ar como borboletas, um navio de guerra vae a Cadix cumprimentar o rei de Hespanha, que continúa em sua viagem entre aclamações.

De quando em quando, estas nuvens negras que apparecem nos horisontes politicos são necessarias para entreter os espiritos, todos elles, e agora mais do que nunca, fatigados com a nossa politica interna. São derivativos. O patriotismo accende-se e, ainda que fale em voz baixa, sempre vae falando.

O catavento de depressa girou, e progressistas e regeneradores de novo assumiram com suas contendas nas camaras o logar que ha muito occupam de principal assumpto nas palestras.

A entrada do sr. Rodrigo Pequito para o ministerio da fazenda veiu dar novo calor aos debates, em que o sr. Hintze Ribeiro tem desenvolvido notavelmente o seu talento de parlamentar.

Mas o mesmo ponto de interrogação continúa a obter as mais diversas e contradictorias respostas. Quem succede ao ministerio regenerador? E' esta a pergunta que todos fazem, esta a interrogação que dá impulso ás phantasias dos deputados, pares, centros da provincia e de quantos, de quando em vez, não desgostam de molhar a sópa no caldeirão politico.

Nem os negros crimes de que ultimamente os jornaes se occuparam em muitas columnas conseguiram desviar as atenções por um bocado. Uma desgraçada morte, um desgraçado assassino, mais umas victimas de miserias, que vão apodrecer no cemiterio e na penitenciaria, isso que importa agora? Andam todos anciosos á espera d'uma surpresa que se demora, que já vae irritando os nervos.

A vinda da Bartet a Lisboa, onde representará do velho e do moderno o melhor de seu repertorio, nem esse bocadinho d'arte annunciando consegue amansar a inquietação. A mesma pergunta continúa em todos os olhos, quando já os labios preguiçosos a não formulam.

Deu-se no Campo Pequeno a primeira toirada e, em vez de apreciar os toiros é os capinhas hespanhoes, o publico discutia probabilidades e cotava como nas corridas os srs. Alpoim, Beirão e Sebastião Telles.

Assim entrámos na primavera, entraremos no verão talvez, chegaremos talvez ao tempo das eleições. E outro grande ponto de interrogação é este: Até quando?

E os boatos correm diversos, em todos os sentidos, uns tão brancos como pombinhos, outros negros como morcegos, e todos cantando victoria ou piando lamentações. Cortaram as cordas d'agua que se abateram sobre a cidade e alargaram os campos; continuam voando agora no esplendido abril por sobre as arvores em flor, por sobre os verdes trigaes.

E até quando?... Até quando?  
Diz-se que só o sr. José Luciano de Castro poderia dar a resposta. Olhos anciosos olham para elle: — «Até quando?... Até quando?»

João da Camara.

### D. João da Camara — «Amor de perdição»

Não sei que admirar mais em D. João da Camara, se a pureza da linguagem se a do character. Disputam primazias entre si, e creio que nunca chegará o momento em que uma possa cantar victoria. São tão paralelas, caminham tanto uma ao lado da outra, que até a poesia, que lhe perfuma verso e prosa, se lhe infiltra no character, a gerar-lhe requintes e delicadezas que só os poetas podem ter no modo de encarar e resolver as coisas da vida.

Sinto por elle a mais guardada e intima affeição. Tres espiritos tão differentes — D. João da Camara, Urbano de Castro e eu — sempre nos entendemos como se fossemos um só e bem equilibrado. D. João, sonhador, por vezes um tudo nada fóra d'este mundo, vendo homens e coisas como deviam de ser e não como realmente são; Urbano de Castro, de ironia á flor dos labios e sinceridade dentro do coração, conhecendo o

mundo como seus dedos; eu, se me não engano, alegre, impetuoso, precipitado mesmo, assustando de certo o João com o meu barulho, e chocando talvez a fina ironia do Urbano com a minha chalaça. E nunca houve quem se entendesse com mais acerto. Era um de nós ter uma preocupação, uma dôr ou uma alegria, e logo a procurar os outros dois! Do conclave, que pouco demorava, sahia-se sempre ou com um alvitre, ou com um lenitivo, ou com uma satisfação maior. «Com o Urbano — dizia o João — vae-se sempre certo». «Com o João — dizia o Urbano — procede-se sempre bem». Morreu o Urbano. Chorámo-lo ambos, e a sua memoria ficou inteira em nosso coração. Quando hoje, em momento de anciedade ou de má certeza, nos juntamos, elle está connosco. Vamos certo.

Ao dizer-me D. João da Camara que ia extrahir um drama do romance *Amor de perdição*, encarquilhei-me todo cá por dentro. — Que tollice! Vaes dispender grande somma de trabalho, e para quê? Se a peça agrada — foi o Camillo. Se a peça cae — foste tu. O tempo que vaes gastar emprega-o antes em fazer um original». Elle olhou-me por cima da luneta e respondeu-me com o seu sorriso bondoso: — «Vamos a vêr!» E de cada vez que o assumpto vinha á balha, eu na minha, elle na sua. Annunciou-se a primeira representação; fui ao theatro de D. Maria. O João acertára no seu *Vamos a vêr* porque tinha visto.

E' uma bella peça, portugueza de alto a baixo, portugueza de lei, e a prova está no bom desempenho que teve. Os nossos artistas perceberam-na e sentiram-na. E' nossa, muito nossa, com as nossas paixões desabaladas, principalmente d'aquella epoca, com a nossa linguagem reflexo do nosso sentimento, com os nossos caracteres, com o nosso meio de então. Para o decorrer e entrelaçar das scenas foi necessario crear uma personagem — Camillo de S. Miguel. E' o auctor do romance a analysar, a commentar, a fazer os seus juizos, a deixar cair os seus conceitos, a proferir as suas sentenças. Na composição d'esta figura e na sua linguagem não podia haver maior honestidade litteraria, que dá cunho a toda obra. Ficou honrado o theatro portuguez, foi honrada a memoria de Camillo e honrou-se mais uma vez D. João da Camara.

Muito injusto ou esquecido seria eu se, offerecendo-se-me ensejo, não me referisse ao magistral desempenho de Angela Pinto e de Ferreira da Silva. Bem — todos os interpretes; mas pela grandeza dos papeis e pela grandeza do talento de quem os desempenha, merecem especial menção estes dois artistas. A Marianna e o João da Cruz são duas creações notaveis que ficam bem gravadas na memoria e no coração. O espectador sente com ellas, e não erradamente.

Para se chegar a este bom resultado, a par do talento e boa vontade dos collaboradores, é necessario que a obra seja perfeita. De contrario, as impressões que se recebem podem enthusiasmar ou commover, mas são erradas. E a perfeição attingiu-a D. João da Camara com o seu muito conhecimento de theatro, na boa acceção, e porque para elle a lingua portugueza não possui hoje segredos. Ninguem melhor que elle a escreve, com mais precisão, mais propriedade e mais encanto.

Eduardo Schwalbach Lucci



## AS NOSSAS GRAVURAS

CONDE DE SABROZA

Novo governador civil de Lisboa

Tendo sido nomeado juiz dos tribunaes internacionais do Egypto o sr. dr. Pereira e Cunha, que dignamente exerceu as funções de governador civil de Lisboa, foi chamado á effectividade d'este alto cargo o governador civil substituto sr. conde de Sabroza.

E' espinhoso o cargo de primeiro magistrado do districto, e para elle se requer, além da finura e tacto d'uma administração superior, um espirito illustrado e recto tão justo quanto equitativo.

Estas qualidades reúnem-se no sr. conde de Sabroza, como já o tem provado nas commissões por sua ex.<sup>a</sup> desempenhadas.

Descendente de uma nobre familia de Traz-os-

Montes, tem a finura e trato captivante do verdadeiro fidalgo. Official de artilheria é justamente conceituado na sua classe como um dos seus mais distinctos ornamentos, e na imprensa tem affirmado o seu valor de publicista em artigos que bem mostram a vastidão de seus conhecimentos.

Fez parte da vereação do municipio de Lisboa, e na provedoria dos asylos municipaes prestou relevantes serviços cuidando da sorte dos pobres asylados com dedicação e zelo, comprazendo-se na pratica do bem.

E' esta certamente a maior recompensa para o seu coração bondoso, mas por isso mesmo melhor assentam as distincções officiaes conferidas ao illustre titular, de grã-cruz das Ordens de Nossa Senhora da Conceição, de Villa Viçosa e de Isabel a Catholica, de Hespanha.

#### CONSELHEIRO ALFREDO PEREIRA

##### Director geral dos correios e telegraphos

Um exemplo a seguir: Funcionario sabedor e prudente, zeloso e activo, com facultades de trabalho extraordinarias, o conselheiro Alfredo Pereira, director geral dos correios e telegraphos vive para o seu cargo, a que dedica o melhor da sua existencia.

Todas as etapas da sua vida official são outras tantas conquistas do seu trabalho intelligentissimo no vasto campo fornecido á sua iniciativa incaçavel, para a qual sempre um novo horizonte se descobre.

Oriundo de Macau, onde nasceu em 1850, veio para Portugal em 1856 e aqui, depois de seus brilhantes estudos preparatorios, matriculou-se no Instituto de Agronomia e Veterinaria, de que cursou as cadeiras com distincção, sendo por vezes premiado e obtendo por fim a carta de agronomo-sylvicultor.

Parecia que a sua actividade devia vir a exercer-se a bem da agricultura do paiz, mas tal não foi, porque em 28 de setembro de 1875 foi provido, por concurso, no lugar de praticante dos correios de Lisboa.

Em 6 de fevereiro de 1878 era promovido a official de 2.ª classe, depois de ter elaborado um projecto para um edificio dos correios, que foi altamente apreciado e que não pode infelizmente ter execução pelas circumstancias de ha muito embaraçosas do thesouro.

Era já manifesta a sua notoriedade e o vasto conhecimento que tinha dos serviços, quando Saraiva de Carvalho, que sabia procurar os seus colaboradores, o nomeou em 1879 para fazer parte de uma comissão, que tinha por fim estudar a reorganização dos serviços de correios e telegraphos, que tinham então vida independente. Dos estudos d'essa comissão, nasceu a grande reforma telegrapho-postal de 1880, a unica de vistas largas e resultados praticos verdadeiramente apreciaveis, que foi promulgada e que novas organizações posteriores esphacelaram completamente.

Pela reforma de Saraiva ficou o sr. Alfredo Pereira dirigindo os trabalhos de estatística.

Aqui novamente se mostrou a sua brilhante iniciativa. Os mais completos trabalhos estatísticos de correios e telegraphos começaram a publicar-se annualmente, acompanhados de magníficos quadros graphicos, os primeiros que sobre o assumpto viram a luz no nosso paiz.

No anno de 1881 foi nomeado professor do curso pratico de correios e telegraphos, regendo com louvor a respectiva cadeira até que foi extinto o mesmo curso.

Nomeado membro do Congresso Postal, reunido em Lisboa no anno de 1884, apresentou n'elle uma proposta relativa a vales internacionaes ao portador, que mereceu ser considerada pelo Congresso, e uma outra relativa a estatística postal, que não só foi approvada, mas constitue ainda hoje lei internacional, tendo passado por ella já dois congressos, o de Vienna e o de Washington, sem que soffresse alteração alguma.

Este trabalho, apreciado nas respectivas comissões, de que era presidente o delegado da Russia, e vice-presidente o da França, valeu ao nosso biographado a commenda de Sant'Anna da Russia e a cruz de cavalleiro da Legião d'Honra.

Em 1886, sendo ministro o sr. conselheiro Emygdio Navarro, que promulgou uma nova organização de correios e telegraphos, foi promovido a inspector geral dos correios e encarregado de formular o regulamento da nova organização, no que se houve com reconhecida habilidade e proficiencia.

Em 1891 foi-lhe conferida a carta de conselho, sendo ministro o fallecido conselheiro Frederico Arouca, em attenção ao brilhante desempenho do seu cargo de inspector geral, e ainda ao modo como, sempre que substituiu o director geral dos Correios e Telegraphos, se houve no exercicio d'essas funcções.

Em 1892, tendo o sr. conselheiro Pedro Victor da Costa Sequeira reformado de novo os serviços dos correios e telegraphos, encarregou-o de formular os regulamentos d'esta nova organização.

Durante a longa enfermidade do sr. Guilherme de Barros, exerceu o sr. conselheiro Alfredo Pereira, interinamente, o lugar de director geral dos Correios e Telegraphos, para o qual, depois do fallecimento d'aquelle bondoso funcionario e distincto homem de letras, foi nomeado em 19 de abril de 1901.

Esta nomeação, muito bem recebida pelo publico e pela imprensa sem discrepancia, encheu de jubilo os seus subordinados, costumados a vêr no seu chefe superior, um amigo e protector. Funcionario de carreira conhece tudo o que importa o bem estar dos empregados, que é o que sobretudo o preoccupa. A' custa de mil esforços, arcando com as contrariedades que encontra nas regiões officiaes, com uma pertinacia que acaba quasi sempre por triumphar, vae conquistando palmo a palmo, cada dia, uma nova regalia para o pessoal que dirige.

Quando director interino, não cessaram junto do sr. Elvino de Brito as suas instancias em favor dos empregados, e o ministro, reconhecendo a justiça com que o sr. conselheiro Alfredo Pereira impetrava, não duvidou promulgar medidas, melhorando os vencimentos a varias classes telegrapho-postaes, concedendo licenças, como premio de assiduidade e zelo, e creando uma medalha especial para galardoados os empregados com vinte annos de serviço sem nota, medalha, a que para algumas classes corresponde uma retribuição pecuniaria.

O sr. conselheiro Alfredo Pereira, por occasião da festa da celebração das bodas de prata da união postal universal, em 1902, foi a Berne representar o seu paiz, e lá por vezes deixou ouvir a sua palavra, sempre escutada com agrado e respeito pelos representantes dos varios estados.

Trazemos de fresca memoria a brilhante e feliz representação que de Portugal fez no congresso telegraphico, recentemente reunido em Londres. Ahi, onde havia representantes de todos os grandes paizes, sendo nomeado para duas comissões e para vice-presidente de uma terceira, desenvolveu em todos os assumptos, em que foi chamado a intervir, uma energia, um *savoir-faire* e uma intelligencia, que chamou sobre si a consideração de todos os membros do congresso, onde a sua palavra foi sempre bem acolhida.

E tal foi essa consideração que, em festas e banquetes, sempre lhe foi dado um lugar de honra a par dos representantes das grandes nações.

E, quando no dia do anniversario do rei Eduardo vii, que lhe prestára dias antes attenção muito espezias e excepçoes, em sessão plena da conferencia, propoz n'um improviso levantado, que se lançasse na acta um voto de congratulação por tão faustoso acontecimento, todo o congresso se levantou n'um fremito de enthusiasmo, confundindo nas suas aclamações o bondoso rei e o representante de Portugal, que acabava de conquistar mais um titulo á estima da nação que o recebia tão amavelmente. Quiz o congresso ainda conceder a Portugal e ao seu representante mais uma honra, a da sua futura reunião em Lisboa, que foi votada por unanimidade. Essa honra foi tanto maior quanto é certo que muitos outros paizes a ambicionavam e que chegou a ser objecto de desejo expesso pela Italia.

Não mencionamos por ser muito larga a serie de melhoramentos introduzidos no serviço pelo sr. conselheiro Alfredo Pereira. Basta dizer que todos os ramos do serviço, tão complexos e variados, tem soffrido por sua iniciativa remodelação em sentido liberal, tendo sido creados de novo muitos outros.

Antigo deputado da nação, representando o circulo de Penafiel, deu inextinguíveis provas de zelo pelos negocios publicos nos trabalhos das comissões parlamentares de que fez parte e de algumas medidas em que interveiu com a sua reconhecida competencia. E o melhor elogio que se pôde fazer da sua pessoa é que, sendo um homem politico, nunca aproveitou o seu alto cargo para fazer politica, por isso tem tido a confiança de todos os ministros, a quem sempre com a maior lealdade tem prestado uma cooperação honesta e desinteressada.

Tem as seguintes condecorações: Sant'Anna da Russia e a Legião de honra, o Leão e Sol da Prussia, o Sol nascente do Japão, a Corôa da Romania, a Corôa de carvalho do Luxemburgo e Francisco José d'Austria.

Foi, além d'isso, o primeiro funcionario agraciado com a medalha de prata de assiduidade e bons serviços, creada por decreto de 28 de setembro de 1900. O ministro de então, o sr. conselheiro Elvino de Brito quiz significar a alta conta em que tinha os serviços de tão prestimoso funcionario, collocando-o na vanguarda dos que recebessem tal honraria.

Folgamos em prestar esta homenagem ao sr. conselheiro Alfredo Pereira.

#### MANIFESTAÇÃO FUNEBRE

Está ainda bem presente na lembrança de todos, a explosão havida nas officinas da companhia do gaz e electricidade, no dia 13 de janeiro d'este anno, da qual foi victima José Manuel Torres, intelligente operario, ali muito estimado e considerado.

Promoveram-lhe os amigos uma manifestação de homenagem á sua memoria, que se realizou no cemiterio do Alto de S. João, na tarde do dia 25 de março, assistindo, não só os promotores, mas grande numero de empregados superiores da companhia do gaz, que em grupo se dirigiram ao coval 2:182, onde estão sepultados os restos mortaes de Manuel Torres, afim de ali deporem um retrato collocado n'uma moldura, tendo a seguinte dedicatória:

«A Manuel Torres, os seus devotados amigos, 25-3-904».

N'essa tocante cêrmonia, que a todos commoveu, fallaram das virtudes do finado, enaltecendo-lhe as qualidades de character, os meritos de artista e os dotes de coração, os srs. Henrique de Sousa Pinto e Henrique Lageosa, recitando uma poesia repassada de sentimento o sr. Luiz de Atayde, que foi ouvido no mais religioso silencio, fazendo vibrar em todos os corações a commoção mais vehemente e profunda.

A solemnidade que esta manifestação revestiu tornou-a um facto digno de menção especial.

#### O INCENDIO DA TRAVESSA DOS FOGUETEIROS

Os instantaneos que hoje publicamos a proposito d'este incendio, são justificados, não tanto pela importancia das perdas materiaes por elle ocasionadas, como pelo acto do verdadeira coragem que o singularisa e que torna digno da nossa revista o seu registo.

O incendio irrompeu com violencia no palheiro e abegoaria da travessa dos Fogueteiros, 12 e 14, a Campo de Ourique, pertencente a Antonio Pita, pouco depois das 10 horas da manhã, do dia 27 de março.

A propriedade que se compõe de duas lojas, e é de construcção antiga, pertence ao sr. José Luiz Pereira Crespo, attribuindo-se o fogo a descuido do carreiro José Quintino, que ali dormia no sotão, que tambem servia de palheiro, apodeando-se logo do madeiramento do telhado, que ficou destruido, quasi completamente.

Na abegoaria era costume ficarem recolhidos dez bois, porém na occasião do sinistro só ali estavam dois, e foi no louvavel intuito de salvar esses animaes, que o guarda 1560 da policia civil, João Hypolito, secundado por Joaquim Miguel e Mauricio Gomes, arrombaram as portas da abegoaria, e, com risco das proprias vidas, poderam soltar os bois e trazel-os para a rua, livrando-os a uma morte certa e já imminente, em vista do fumo asfixiante que enchia a abegoaria.

Foi um acto de verdadeira coragem e que de certo não ficará sem a recompensa que merece.

#### UM PASSEIO EM LISBOA

(Continuado do n.º 909)

Meia duzia de passos mais, e prende-nos a attenção, um palacio de antiga fabrica, ladeado pelas travessas da Boa Hora e Agua de Flôr.

Foi o solar dos Andrades, familia muito abastada, cujo tronco, João Altero Andrade viveu no tempo de João II. A esta casa pertencia uma enorme quinta, que, tomando todo o Bairro Alto, se estendia até ao Tejo.

As actuaes ruas da Vinha, do Carvalho, da Rosa, do Loureiro, dos Cardaes, da Palmeira



FERREIRA DA SILVA  
*João da Cruz*



CÍRCIA MACHADO  
*Theresça*



ANGELA PINTO  
*Marianna*



JOAQUIM COSTA  
*Domingos Botelho*



FERNANDO MAIA  
*Camillo de S. Miguel*



AUGUSTO MELLO  
*Thadeu d'Albuquerque*

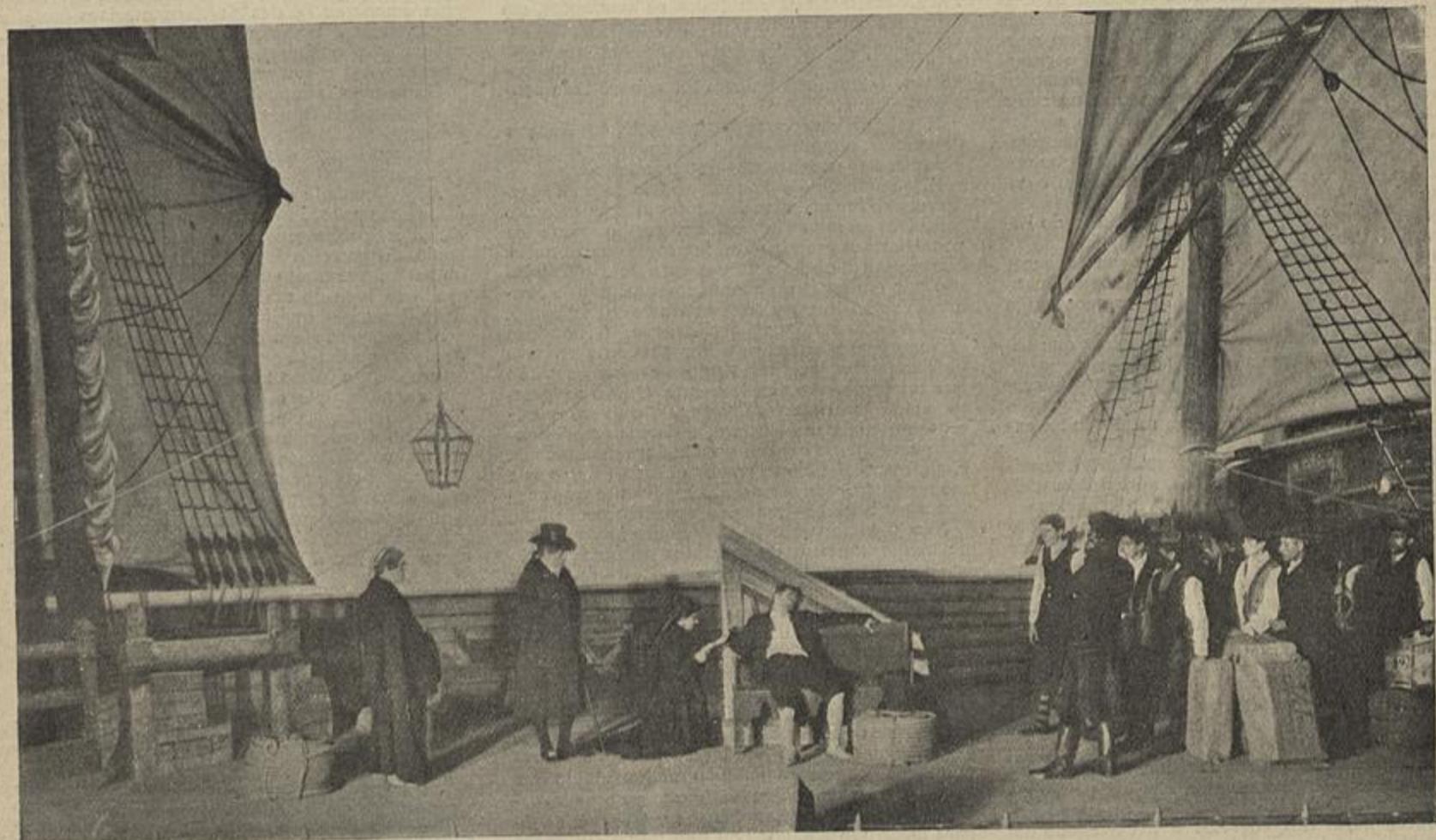


CARLOS SANTOS  
*Balthazar Coutinho*



LUIZ PINTO  
*Simão*

INTERPRETES DO DRAMA «AMOR DE PERDIÇÃO»



SCENA ULTIMA DO 7.º E ULTIMO QUADRO (photographia do sr. Fraga)

O DRAMA «AMOR DE PERDIÇÃO» DE D. JOÃO DA CAMARA, NO THEATRO DE D. MARIA II



CONDE DE SABROSA  
NOVO GOVERNADOR CIVIL DE LISBOA



CONSELHEIRO ALFREDO PEREIRA  
DIRECTOR GERAL DOS CORREIOS E TELEGRAPHOS



MANIFESTAÇÃO FUNEBRE NO CEMITERIO ORIENTAL A JOSÉ MANUEL TORRES, VICTIMA DA EXPLUSAO  
NAS OFFICINAS DA COMPANHIA DO GAZ DE LISBOA

(Instantaneo do sr. Alberto Lima)

das Flôres, do Alecrim e do Ferragial, assim como as travessas da Era, das Chagas Velhas, da Horta, do Sequeiro e da Larangeira, perpetuam a memoria d'esses campos cultivados, distinguindo-se pelas especialidades da sua producção.

Com o correr dos tempos, os Andrades foram vendendo ou aforando as suas terras para edificações e, assim, se transformou a ampla quinta em bairro populoso e de *heroicas* façanhas.

A historia do Bairro Alto é, em extremo, interessante, revela uma parte consideravel da vida de Lisboa. Acontecimentos de mundo fidalgo, como proezas de feição popular; successos religiosos e artisticos, como minudencias plebeas, aliás com seu valor, tudo, allí, se desenrola á vista do curioso e á analyse do observador.

E' um pequeno mundo, imagem do grande mundo.

«Toque, toque, toque  
Vamos a S. Roque  
Vêr os peraltas  
Se vão de capote.»

Tal era a quadra com que o povo de Lisboa manifestava a sua curiosidade pelas festas de S. Roque.

Continuando a descer a rua de S. Pedro de Alcantara e passando respeitosamente pela casa n.º 13, em cujo andar nobre nasceu, em 1800, o eminentissimo poeta e fervoroso apóstolo da instrucção popular, Antonio Feliciano de Castilho, factó notavel commemorado em honrosa lapide, ha tres annos, affixada no mesmo edificio pela camara municipal, iremos nós, tambem, ao mando da trova popular a S. Roque, não só vêr o casquilho de bom capote de panno azul ferrete e larga gola de velludo, como recompôr o antigo scenario d'este conhecidissimo local.

D. Manuel, bem justificadamente, denominado o *feliç*, nem sempre viu decorrer o seu governo illuminado pelo sol acariciador das venturas.

Nuvenis, aliás bem densas, velaram esse astro de estranhos fulgores e prepararam-lhe dias amargos, situações de angustia. Uma terrivel epidemia dizimando a população do reino e a medonha carnificina dos christãos novos foram, por certo, o reverso d'essa medalha que, em nitida realidade, ostenta os galeões da India e da America e os feitos de Ormuz e Malaca, como os de Zafim e Mazagão.

A peste de 1506 atacou, mais cruelmente, a capital, e D. Manuel movido por impulsos religiosos, por intima fé, onde o homem encontra o ultimo recurso nos afflictivos transes da vida, solicitou, de Veneza, umas reliquias de S. Roque, advogado contra a peste, para, assim, preservar esta pobre cidade dos horrores da epidemia que, cada vez, se tornavam mais intensos.

Chegadas as reliquias e recebidas com toda a solemnidade, o monarcha, para, condignamente, as recolher, mandou fazer, no ponto em que, hoje, se levanta a igreja de S. Roque, uma capella a este santo, cujo altar se respeitou, sendo o terceiro do actual templo, do lado da Epistola.

A resolução do rei foi, de tal modo, acolhida, e a devoção era tão fervorosa, que o povo trazia, de varios pontos, os materiaes para a construcção do pequeno santuario e as proprias senhoras, do afastado bairro d'Alfama, orgulhavam-se em transportar, em vasos ornamentados de flores, agua para a piedosa obra.

Junto á ermida, do lado posterior, como fúnebre complemento, abriu-se um cemiterio, para as victimas da peste, visto serem insufficientes os templos e seus adros para tão numerosos enterramentos.

Annos depois, pretendendo a Companhia de Jesus estabelecer casa professa em Lisboa, adquiriu a ermida de S. Roque para o culto e terreno annexo para edificar.

E que culto foi esse! Concorridissimo. As prédicas dos filhos de S. Ignacio, revestindo a forma simples e persuasiva da missão, deixando as pompas do estylo e as flores de rhetorica, que, apenas, fazem, muitas vezes, do discurso, musica de palavras, eram, essencialmente, doutrinarias, falando á intelligencia e ao coração.

Tal era o segredo d'essas attrahentes praticas que, pelo grande numero de ouvintes, em relação á acanhadissima igreja, tinham que duplicar-se, e emquanto uma homilia era proferida no pequenino templo, repleto de fieis, outra era feita no exterior, fronteiro á capella, á sombra das bastas oliveiras que amenisavam o local.

Patrocinados por D. João III e pessoas devotas, alcançaram os jesuitas, em breve, os meios necessarios para desenvolver-se, lançando em 1566, os fundamentos do actual templo de S. Roque.

Aberta ao publico a nova igreja, a concorrência devota manteve-se como n'outros tempos, mas começa a tomar um caracter mais profano. S. Roque passa a ser a igreja da moda, a antecessora do actual Loreto.

Os officios divinos são frequentados pela *élite* em que o casquilho da epoca affectado e galanteador se ostenta dando a nota da pretensão.

Embora de apparencia modesta, é a igreja de S. Roque de grande valor pela belleza das suas capellas, quadros e imagens e, muito principalmente, pela riquissima capella de S. João Baptista, a magnifica obra de D. João V, digna da perpetua admiração de nacionaes e estrangeiros.

Os perdularismos do principe magnanimo tinham essa feição recommendavel, além do pão do obreiro, eram culto nobilissimo e bizarro da arte, dadas que orgulham vindouros; ao passo que as dissipações hodiernas... a medonha voragem...

(Continúa)

Damasceno Nunes.

## A MORTE DE ANGELO

(A Henrique Marquês Junior)

N'aquella noite o vento assobiava no pinhal, e juntamente com uma chuva miúda, vinha fustigar as tóscas janélas d'uma casita insulada na charnéca, e os trovões, precedidos de grandes relampagos, rugiam como canhões numa batá-lha, vindo refletir-se nas serras visinhas.

Dentro da casita, triste pousada de camponeses, proximo da lareira, estavam: um vèlho paralytico, a mulher, a filha, com uma creança adoradissima no regaço, e um homem moço, alumiado pela fraca luz d'uma simples candeia de latão.

Esse homem moço, era Angelo.  
Um pouco afastado d'uma vèlha mesa de pinho, sentado na sua cadeira de braços, já bastante usada, o paralytico, embrulhado n'uma manta escura, que fazia realçar o branco dos seus cabellos encanecidos, inclinava-se para a filha, attento, ouvindo-a lêr; a mulher, uma aldeã gasta pelo trabalho e pelo tempo, com a cabeça inclinada sobre a costura ia cosendo uns grossos pãos e ouvindo tambem a filha.

Helena, líta com difficuldade um trecho da Biblia, olhando de quando em quando para a filhinha, que dormia no seu regaço.

Tinha cêrca de vinte e cinco annos, era alta, e robusta, airosa e um tanto ou quanto crestada pelo sol. Não era um typo de belleza, comtudo era bonita. Tinha casado com um beberão que a espancava frequentemente e que não trabalhava, passando as noites e parte dos dias, na taberna, jogando e bebendo com outros da sua laia, o parco producto do trabalho da mulher. Ella soffria com resignação, sem um lamento, desculpando-o sempre que o accusavam. Amava-o.

Angelo, encostado á cadeira do ancião, seguia a leitura da Biblia, como que suspenso das palavras de Helena,

Era novo, ainda, e o seu todo aparentava sofrimento. Desde creança, quasi, tinha amor a Helena. Occultou-lh'o, durante muito tempo, emquanto ponde, até que não podendo conter-se mais, um dia, deu-lh'o a perceber, mas ella riu-se e chamou-lhe tonto.

Helena nunca soube quanto elle soffreu!  
Com o casamento d'ella foram-se todas as suas esperanças, sem comtudo deixar de a amar como d'antes.

Ao soarem oito horas no tóso relógio, o paralytico lembrou que era a hora da ceia; a mulher, mal o ouviu, largou a costura, guardando os vèlhos pãos, levantou-se muito trôpega e foi aquecer uma açorda que devia ser a refeição da noite.

Helena depois de fechar o livro, foi deitar a creança, e Angelo dispoz-se para sair.

Os vèlhos offereceram-lhe da ceia, e aconselharam-no a que não saísse, sem parar a chuva, que não havia de continuar sempre a chover como então, que ia chegar a casa como um pinto, n'um charco, que podia apanhar alguma doença; mas elle despediu-se e metteu-se ao tempo.

Após a sua saída, o pai de Helena, murmurou num suspiro:—Pobre Angelo, sempre o mesmo, sempre triste!—e ficou calado por bastante tempo.

Fôra a tempestade tornou-se mais violenta; ribombavam os trovões uns após outros, e chovia torrencialmente.

Helena que, depois de ter deitado a filhinha, chegara á janéla, e ahí se tinha quedado um mo-

mento, a pensar, talvez no marido, retirou-se para dentro, exclamando:—Céus! caiu agora um raio, lá p'rás bandas do pinhal!

Mal tinha acabado, quando se fez ouvir um formidavel trovão, que até a casa estremeceu.

—Jesus! que grande trovão! valha-nos Deus! —Santa Barbara... S. Jeronymo... —disse a mãe de Helena, e continuou a rezar baixo, puchando para a cabeça o lenço que tinha ao pescoço,

O ancião com grande presentimento exclamou: —Queira Deus não acontecesse alguma desgraça!

E desde então n'aquella pobre casa, não se ouviu uma palavra; apenas o leve sussurro que a mulher do paralytico fazia a rezar.

O vèlho com a cabeça deitada para traz, parecia dormir, quando um forte empurrão na porta, fez estremeçer novamente a casa, e uma voz roufenha gritou de fóra que abrissem.

Helena, assim que ouviu, correu a abrir, e entrou de roidão um homem com o fato a escorrer. Era o marido de Helena, que trasia ás costas um volume que lhe pesava.

O paralytico, sobresaltado perguntou-lhe o que era, porque a sua pouca vista e a fraca luz da casa, não o deixavam distinguir o que trasia o marido de Helena.

—E' um bonéco que além estava a dormir no pinhal—respondeu-lhe—aquí dormirá melhor.— e aproximando-se deixou cair dos hombros desamparadamente no chão, o cadaver d'um homem, de modo que a luz da candeia lhe veio dar em cheio no rosto.

As mulheres apuximaram-se curiosas; estremeçeram soltando um grito, e o ancião, fazendo um esforço suprêmo, ergueu-se da cadeira e caiu sobre o morto abraçando-o a chorar.

Era o cadaver de Angelo que o raio tinha fulminado.

XXIX-III-CMIV

Luiç Lima.

## O MEZ METEOROLOGICO

Março 1904

*Barometro Nivel:* maximo 769,0<sup>mm</sup> em 20.  
" " minimo 749,7<sup>mm</sup> em 3.

Até 8, o barometro conservou-se sempre a uma altura inferior a 760<sup>mm</sup>, coincidindo com as grandes chuvas que cahiram sobre a capital.

Tendo o barometro, de 8 para 9 subido de cêrca de 10 millimetros (de 752,0<sup>mm</sup> a 761,0<sup>mm</sup>), o tempo parecia querer-se modificar, porém, nova depressão barometrica invadiu a peninsula, attingindo, novamente, a altura barometrica, 753,0<sup>mm</sup> em 12. A partir de 16, começou elevando-se gradualmente, conservando-se a um nivel comprehendido entre 765 e 770,0<sup>mm</sup>, de 18 a 23, baixando até 758,0<sup>mm</sup> em 25, e subindo de novo, a partir de 26, até 769,0<sup>mm</sup> (em 29).

*Thermometro:* Maxima 18,8 em 28.  
" " Minimo 4,2 em 3.

Accentuaram-se, nos primeiros dias de março, os frios, descendo a temperatura muito abaixo da normal, não excedendo a maxima, em 3, de 9,7. Até 11, a temperatura conservou-se baixa, subindo em 12 e 13, a 15,6 e 17,7. Baixa em 14 a 11,8 não excedendo em 15, 12,2, subindo lentamente até 18 (14,6)—Em 19 a maxima foi de 18,2, mas já em 20, esta não excedeu 14,2, e em 21, 13,0—De 22 a 31, tempo primaveril, com temperaturas oscillantes entre 15,0 e 18,8 (maxima do mez). As minimas em geral, fracas, oscillaram n'esses dias entre 7,0 e 10,0.

*Chuva:* 65,0<sup>mm</sup> em 16 dias, sendo os dias de chuva abundante, em 4 (15,0<sup>mm</sup>), em 6, (22,0<sup>mm</sup>) e em 12 (11,0<sup>mm</sup>).

*Ventos dominant's:* Entre Nw e SW até 9, NE de 10 a 12, NW até 21, NE de 22 a 29, NW em 30 e 31.

*Céu:* Limpo ou algumas nuvens, 11 dias.

*Nublado:* 17 dias—Encoberto 3 dias.

*Granizo* em 2, acompanhado de alguns farrapos de neve, factó que se não dava em Lisboa, ha cêrca de vinte annos.

## NECROLOGIA

GENERAL LUIZ QUILLINAN

O telegrapho communicou ha dias ao ministério dos estrangeiros a noticia do fallecimento em Londres do illustre general Luiz Quillinan



GENERAL LUIZ QUILLINAN

O fallecimento d'este grande patriota, e que ha muitos annos servia como addido militar á nossa embaixada na capital ingleza, foi em Lisboa verdadeiramente sentida por todos aquelles que prestam culto ao bocado de terra que lhes foi berço.

Luiz Quillinan deu a maior prova de amor que podia ter pela sua patria e do quanto se orgulhava de ter nascido em Portugal, no correctivo que inflingiu a Jacob Brighth, quando este no parlamento inglez, ousou menoscabar o nome da nação que foi a grande mestra dos povos navegadores.

Foi em 1883, estava então de pé a questão do Zaire e por causa de varias duvidas e seguranças para a região que desde quatro seculos possuimos no Zaire, por nós descoberto, o governo portuguez entrou em negociações com o inglez, por um tratado definitivo, cujas condições levantaram algumas interpeleções nas camaras.

Chegou então a vez dos deputados que nos não eram afeiçoados, como Whitley, Bourke, Anderson e Brighth, verdadeiros ignorantes da nossa historia ou systematicamente não a querendo recordar, dirigiram contra Portugal as mais rudes accusações, tratando-a de potencia desprezível, de proteger a escravatura, de ter empregados corruptos, mal remunerados, emfim de tudo quanto falsamente podéram architectar que fosse deprimente para o nosso prestigio colonial.

Jacob Bright foi dos mais acerrimos accusadores de Portugal, e por isso Luiz Quillinan, no sublime intuito de desaffrontar a sua patria, lhe escreveu uma carta desafiando o injuriador que se escusou ao repto, talvez por ter mais desembaraçada a lingua do que o braço.

Este rasgo nobilissimo do official portuguez foi recebido em todo o paiz com as maiores manifestações de applauso, e não só o publico como a imprensa portugueza dirigiu a Luiz Quillinan calorosissimas felicitações.

O OCCIDENTE tratou desenvolidamente esta momentosa questão nos seus n.ºs 156, 157 e 158, vol. VI, e a elles pódem recorrer os nossos leitores para melhor apreciarem a attitudo do distincto official.

Luiz Quillinan era oriundo d'uma familia irlandeza, tendo nascido no Porto em 1825.

Educado em Inglaterra voltou aos 15 annos para Portugal, matriculando-se no curso juridico da Universidade de Coimbra em 1841.

Abandonando os estudos partiu para Argel entusiasticamente atrahido pelos feitos do exercito francez contra o emir Ab-del-Kader.

Voltou a Portugal em 1846, tomando parte nos movimentos militares organizados por Saldanha, servindo como ajudante do general conde das Antas.

Ao terminar em 1847 a guerra civil, voltou para Coimbra a cursar a faculdade de direito, que interrompeu para se alistar, em 1851, novamente, sob as ordens do marechal Saldanha, cooperando no movimento que ficou conhecido na historia politica do nosso paiz pelo nome de *Regeneração*.

Concluiu o curso de direito ainda em 1851, e sendo em seguida nomeado alferes de lanceiros, partiu pouco depois para França, afim de seguir o curso de cavallaria de Saumur, que concluiu com distincção.

Em 1854 era nomeado addido militar á legação portugueza em Paris, exercendo depois eguaes funções diplomaticas em Madrid, Vienna d'Austria, Roma e Rio de Janeiro, occupando tambem o logar de 2.º addido á legação da Suecia e Noruega.

Prestando em todas estas commissões relevantes serviços ao seu paiz, acabou por ser nomeado addido militar junto á nossa legação de Londres.

Luiz Quillinan era muito estimado entre a nossa primeira sociedade, sendo considerado por muitos titulos um funcionario distincto.

A sua morte occorreu no dia 28 de março. Luiz Quillinan casára com a sr.ª condessa das Antas.



ACTOR SIMÕES

O velho actor Simões fez em tempo parte das companhias do antigo theatro da Rua dos Condes e Gymnasio e de outros que não são dos nossos dias.

Estreiou-se em 12 de junho de 1845 no theatro das Escolas Geraes, porém a revolução de 1846 afastou-o do theatro, servindo na Junta do Porto, sob as ordens do Conde das Antas, sendo aprisionado com toda a divisão, a 30 de maio de 1847, dando entrada na Torre de S. Julião a 4 de junho a em seguida deportado para Peniche.

Em 1849 tornou a apparecer no theatro, dedicando-se definitivamente á carreira dramatica estrejou-se como discipulo no theatro de D. Maria II a 9 de julho de 1850.

Fez parte da sociedade que fundou o theatro D. Fernando e com a Companhia fez uma digressão pelo Alemtejo até Badajoz.

De volta a Lisboa foi contractado para o theatro de D. Maria onde esteve desde outubro de 1853 até 30 de novembro de 1854.

A 18 de dezembro d'esse anno estrejou-se no theatro da rua dos Condes e a 12 de janeiro de 1855 entrou na magica de Pessoa «A Romã encantada» e no drama biblico «Samsão» original de José Romano.

N'estas duas peças obteve Simões grande popularidade, figurando em todo o vasto repertorio que ali se representou até 1858.

Em agosto d'esse anno estrejou-se Simões no theatro do Gymnasio na comedia «D'estes ha poucos» de Mendes Leal (Antonio) Ali teve Simões tambem uma epoca brilhante sendo a sua melhor coroa *O Cabo Simão*.

Em 1860 foi contractado para o Brazil pelo distincto actor brasileiro João Caetano e ali se demorou muitos annos, vindo a Lisboa por algumas vezes, até que afinal regressou definitivamente a Portugal não tornando a escripturar-se em nenhum theatro.

José Simões Neves Borges era pae da notavel actriz Lucinda Simões e avô da actriz Lucilia Simões, filha de Lucinda e de Fertado Coelho.

A morte do actor Simões, occorrida a 20 de fevereiro, levou não só um bello cultor da arte mas tambem um conbecedor profundo do theatro portuguez, d'esses que vão rareando e que tanta falta vão fazendo pelo seu conselho auctorizado.

ACTOR AUGUSTO

Mais um dos da primitiva companhia do theatro da Trindade, que acaba de se ir juntar aos seus collegas que a morte pouco a pouco tem ido roubando ás glorias d'aquelle palco.

Ha muito que a doença o trazia afastado da scena. Tendo fracturado uma perna, uma noite,



ACTOR AUGUSTO

ao terminar o espectáculo, não quiz dispôr-se ao tratamento que deveria ter seguido, dando em resultado originar-se d'esse desastre complicações que mais tarde deveriam produzir o fatal desenlace.

Por isso a sua morte não foi uma surpresa, por que todos a esperavam.

Dois dias antes, annunciava o cartaz a sua recita, que devia ser a ultima, e que havia sido promovida por um grupo dos seus amigos mais intimos.

Augusto Cezar d'Almeida, era muito estimado não só pelas suas qualidades como homem, mas tambem pelos seus meritos como artista.

O Augusto da Trindade, como o denominava o publico, era um dos actores mais populares de Lisboa; todos o conheciam.

Ao lado de Isidoro, Queiroz, Leoni e Delphina, o actor Augusto fez a sua carreira de artista, tendo tomado parte em todo o vasto repertorio d'aquelle theatro, desde 25 de setembro de 1868. Nasceu o actor Augusto em 20 de julho de 1835.

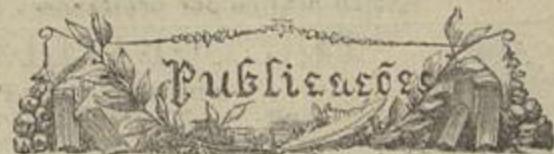
Estreiou-se na *Ramalheteira*, no velho theatro da Rua dos Condes, peça que tinha por protagonista Luiza Fialho, e demonstrando logo as suas optidões, especialmente na comedia e no *vaude ville*, figurou em muitos trabalhos dos dois generos, distinguindo-se nos *Aspirantes de marinha*, *Tribulações e venturas*, *Coronel no reinado de Luiz XV*, etc.

Companheiro inseparavel de Queiroz, só se afastou d'elle o pouco tempo que esteve escripturado no Gymnasio, d'onde foi para a Trindade, estrejando-se ali na opera burlesca *Flor de chá*.

Na época de 1895-96 representou no theatro do Principe Real, emquanto a companhia da Trindade esteve no Brazil, logo, porém, que esta regressou a Lisboa, Augusto voltou a occupar o seu antigo logar.

O seu ultimo trabalho, o cabo de ordens do *Brazileiro Pancrácio*, valeu á peça extraordinario exito, pois que, a não ser aquella criação verdadeiramente incomparavel, não alcançaria a carreira feliz que teve n'aquelle theatro.

O actor Augusto falleceu na madrugada de 19 de março, estando junto d'elle a familia e o empregario da Trindade, Affonso dos Reis Taveira, que era amigo particular do finado.



Recebemos e agradecemos :

Montezinas — Primeiros versos — por Belmiro Braga — Minas 1902 — Editado pelo *Jornal do Commercio*, de Juiz de Fora, Minas Geraes, viu



O INCENDIO DA TRAVESSA DOS FOGUETEIROS E O SALVAMENTO DOS BOIS PELO GUARDA N.º 1560, JOÃO HYPOLITO

(Instantaneos do sr. Alberto Lima)

ali a luz da publicidade um elegante volume de versos do sr. Belmiro Braga, producções desprezenciosas, mas que em muitos trechos dizem do notavel talento do seu auctor.

Ha muito que estavamos em divida com o sr. Belmiro Braga. Os assumptos que todos os numeros preferem a nossa revista obrigaram-nos a não ter ha mais tempo feito o registo d'esta obra na secção das *Publicações* do «Occidente», como aliás tem succedido a muitas outras, falta de que pedimos desculpa aos que tiveram a amabilidade

de não nos esquecer com as suas amaveis dedicatorias.

As *Montezinas* são uma bella affirmacão intellectual, e para nos servirmos da opinião de quem prefacia o livro, o poeta das *Montezinas* «revela-se um discipulo fiel de João de Deus que sobe com passo firme, a encosta ingre-me e agora principia a mergulhar a fronte serena na luz diaphana das iminencias sagradas».

As duas seguintes quadras constituem a *Dedicatória* do trabalho do sr. Belmiro Braga a seus paes:

Versos que de minh'alma ides fluindo,  
porque de flores louças não vos mudaes  
para eu vos espargir, chorando e rindo,  
por sobre a sepultura de meus paes?

N'esse cofre sagrado, que os encerra,  
entre o ser e o não ser espesso véo,  
reside o meu desprezo pela terra  
e a esperança que nutro pelo céo.

## LOJA DO LOPES

(Socio-gerente que foi dos Armazens de S. Roque)

Armazem de Fazendas e Modas

LISBOA — 111, 113, RUA DE D. PEDRO V, 115, 117 — LISBOA

ARTIGOS DE RETROZEIRO  
MODAS E ATELIER DE MODISTA  
espartilhos barba direita, Modelo EVA HUBERT

Fazem-se tambem de encomenda para o que ha espartilheira para ir tomar medidas e provar a casa das freguezas.

**Henrique Bastos** — Cirurgião dos hospitaes

DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO

Exame endoscopico da urethra e bexiga.

Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS: Senhoras — às 10 horas da manhã

Homens — às 3 da tarde

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

## Bilhetes postaes illustrados

Edição Faustino A. Martins

Praça de Luiz de Camões, 35 — LISBOA

Esta edição é a mais notavel que existe em Portugal não só pela grande variedade e escolha do assumpto, como pela nitidez e perfeição artistica.

A edição **Martins** comprehende já cerca de 1000 variedades entre as quaes figuram: Família Real Portugueza e todos os soberanos agrupados por dynastias; monumentos, edificios notaveis, vistas de Lisboa e muitos pontos do paiz, assumptos militares, maritimos, agricolas, taormachicos, theatraes; vultos notaveis em todas as sciencias, etc., etc.

Cada duzia 200 réis. Para revender condições muito vantajosas

## BERLITZ SCHOOL

LINGUAS VIVAS

Lisboa

Porto

Coimbra

Rua do Alecrim

Largo dos Loyos

Vianna

20 A.

14

Braga

Ensino pratico por professores estrangeiros

## PHOTOGRAPHIA FILLON

a mais antiga de Portugal

A. BOBONE

Pintor photographo de Suas Magestades e Altezas

Premiado em diversas exposições estrangeiras com o Grand Prix, 4 diplomas de honra  
8 medalhas d'ouro e 2 de prata

Fazem-se retratos em todos os generos

Grande collecção de monumentos historicos, museus e academias do paiz

79, RUA SERPA PINTO, 87 (Chiado, junto da Igreja dos Martyres), Lisboa

## ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas  
nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA

## Patisserie Internationale

Porto & Com.ta

53, Avenida da Liberdade, 53, LISBOA

Especialidade em amendoas nacionaes e francezas. Grande variedade de objectos e lindas caixas em todos os gostos para brindes da Paschoa, recebidos directamente de Paris.

Especialidade em doces e bolos de todas as qualidades.  
Fornecede lunches, soirées e bailes

## Kermesse de Paris

Sant'Anna Sá & Commandita

RUA DO PRINCIPE — AVENIDA PALACE

Especialidade em brinquedos

e artigos de novidade

LISBOA

## Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

Rua de S. Paulo, 216, 2.º — LISBOA

N.º telephonico 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

## LE DICTIONNAIRE

DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle  
de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais, Espagnol,  
Italien et Portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal